



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A FIGURA DE MARIA BONITA NO IMAGINÁRIO DO CORDEL

Wilma Antunes de Araújo; Linduarte Pereira Rodrigues

(Universidade Estadual da Paraíba: wilmaantunes@gmail.com; linduarte.rodrigues@bol.com.br)

Resumo: O presente artigo surge da necessidade de questionamento acerca da forma como é tratada a figura de Maria Bonita nos folhetos de cordéis, veículos de uma formação discursiva do imaginário feminino nordestino. O fio norteador da análise é a questão de gênero, atrelada diretamente a questão de identidade de sujeito, pois o conceito de identidade de gênero nos remete a outras categorias essenciais para nosso entendimento da construção do imaginário local. O artigo é fruto de uma pesquisa de natureza qualitativa, descritiva, bibliográfica e documental, que toma como *corpus* de análise os cordéis “Maria Bonita - A Eleita do Capitão” e “Lampião e Maria Bonita – Celebidades do Cangaço”, ambos de Gonçalo Ferreira da Silva, além de “Amor de Cangaceiro de Lampião” e “Maria Bonita” de Vicente Campos Filho, autores que expressam através dos seus folhetos a configuração da imagem de Maria Bonita na poesia popular. Contribuíram para o estudo os fundamentos teóricos de Foucault (1988), Louro (1997), Rodrigues (2011), Santos (2014), Silva (2014), entre outros. A realização do estudo permitiu inferir que a imagem de Maria Bonita fez e faz parte da história brasileira, figura antológica, símbolo de força e de coragem, de domínio e dominação, adereços que tecem outra forma de beleza e sexualidade, o que faz dessa personalidade/personagem do imaginário nordestino exemplo de figura feminina, mulher que rompe paradigmas. O exame dos folhetos selecionados permitiu compreender que dentro do contexto nordestino a figura da mulher, diferentemente daquela representada pelos modelos e estruturas socioculturais atrelados a tradição patriarcal, dissocia-se no imaginário nordestino mediante o surgimento dessa personalidade feminina.

Palavras-chave: Estudos de gênero; Semântica; Discurso; Cordéis; Imaginário nordestino.

INTRODUÇÃO

No imaginário nordestino, Maria Bonita é figura antológica, símbolo de valentia, força e coragem da mulher sertaneja. É a primeira mulher a fazer parte do cangaço, movimento social que surgiu no sertão do Nordeste brasileiro, entre o fim do século XIX e início do século XX, em meio à tentativa de industrialização e modernização do Brasil (República Velha), devido à aversão e à insatisfação aos governantes da época. A cangaceira Maria Bonita é chamada por Lampião, seu companheiro, de “princesa”, por ter despertado no “rei do cangaço” uma admiração em torno de sua beleza física, e mais tarde uma admiração quanto à sua postura, bravura e coragem. Ela se tornava, então, percussora da bravura e excelência feminina no universo do cangaço, até então meio unicamente masculino.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O cordel, através do seu discurso enunciativo, passa a ser modelo de identificação popular, onde suas ideologias atravessam o plano cultural, fazendo com que essa visão, acerca da emblemática Maria Bonita, seja uma visão discursiva e ideológica, que se configura no imaginário popular nordestino. Na literatura de cordel, encontramos uma função social e a identidade de um povo, posto na materialidade textual.

A construção da imagem mitológica de Maria Bonita se configura nos cordéis que se colocam como veículos de uma formação discursiva do arquétipo feminino, materializado pelo discurso do mito em voga. Pois o mito é um esboço de racionalização, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias, dado o fio do discurso.

Dessa forma, analisar o discurso em cordéis que abordam as questões relacionadas ao universo do cangaço, com ênfase para a imagem de Maria Bonita, é adentrar num universo onde o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, não existe “em si mesmo”, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.

O cordel é instrumento propagador de imagens, ilusórios ou reais, de realidades atualizadas de uma memória de tradição mediante o imaginário popular nordestino (RODRIGUES, 2011). A partir do exame do imaginário que desenha a figura de Maria Bonita em cordéis, compreende-se Maria Bonita como emblema da força de uma mulher guerreira, esposa e amante, destemida e vaidosa, e homenageada por cordelistas populares da literatura de feira. Eles criam imagens a partir do que vivem e sentem, a partir do que têm e conhecem.

A nossa pesquisa se caracteriza como de natureza qualitativa, descritiva, bibliográfica e documental. Visa à identificação, registro e análise das características, fatores que se relacionam com o processo de produção de sentidos. Por essa razão, apega-se aos postulados das teorias semânticas, da análise do discurso e de questões de Gêneros. O *corpus* é composto por cordéis que retratam a imagem de Maria Bonita. Os folhetos de cordéis analisados fazem parte do nosso acervo pessoal da pesquisa, e outros exemplares fornecidos pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel, com residência no Rio de Janeiro - RJ.

Diante disso, a proposta que se apresenta intenta analisar o discurso e os efeitos de sentidos presentes na composição textual nos folhetos de cordéis que caracterizam a figura de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Maria Bonita no imaginário popular, percebendo a contribuição desses objetos para a caracterização das ideologias que subjazem o imaginário nordestino e os efeitos de sentido que tecem a imagem desta lendária personagem do Cangaço Nordestino.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SEMANTICAS COGNITIVA E ARGUMENTATIVA

O termo “cognição” é quase sempre utilizado para designar algo relacionado à mente ou à percepção que temos de mundo. Conforme Castilho (2003), a palavra “cognição” abriga sentidos tais como percepção (especialmente à visão), pensamento, memória e resolução de problemas. Podendo talvez definir a cognição como a percepção do mundo real ou imaginário. Disso, podemos concluir que semântica cognitiva, leva-nos a abandonar a ideia fixa de verdade como suporte ao significado. Através de Ducrot, percebeu-se que há uma diferença entre sentido e significação. O sentido diz respeito ao fato de o enunciado ser suscetível desta ou daquela interpretação, “considerando a situação de discurso e as instruções especificadas na significação” (DUCROT, 1984, p.180-181).

A Argumentação Linguística é produzida na relação entre locutor e alocutário, em que o locutor apresenta para o alocutário sua posição a respeito daquilo de que se fala. Por sua vez, a significação seria um conjunto de instruções que ajuda o ouvinte a inferir conclusões de um enunciado numa dada situação comunicativa. Os operadores argumentativos, portanto, tem a função de orientar os enunciados para possíveis conclusões, isto é, por meio deles, o interlocutor poderá identificar as intenções do locutor.

2.2 REPRESENTAÇÃO DO IMAGINÁRIO FEMININO

Uma questão fundamental sobre o imaginário remete a sua universalidade. O mito ou pensamento mítico também existe em nossa sociedade, pois é parte integrante da natureza humana. Sendo assim, Santos (2014) em seu livro “Dos versos às cenas: o cangaço no folheto de cordel e no cinema”, afirma-nos saber que o imaginário é compreendido como profusões



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de imagens que dialogam com o seu contexto sócio-cultural, uma vez que nele estão contidos, hipoteticamente, mitos que surgem da necessidade de resolver questões tais como a oposição entre a natureza e a cultura.

2.3 GÊNERO E IDENTIDADE

As concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem. Logo, Silva (2014, p. 26) explicita que “De certa forma, a sociedade exige do ser humano que ele se comporte de acordo com os padrões claros sobre o que são, se homens ou mulheres. Uma das características do homem é o ser racional, enquanto a emoção se relaciona com as mulheres”. Diante disso, podemos encontrar contradições, no sentido de que o homem também é caracterizado por sua força física, pelos seus músculos, pela sua agressividade (SILVA, 2014).

Por outro lado, falar de identidade não é algo fácil. Em plena contemporaneidade, nunca se falou tanto de uma crise de identidades prefigurada pelos sujeitos tidos até então como indivíduos unificados. Para Silva (2014), o fato é que é perceptível que as identidades apresentadas pelas pessoas durante muito tempo começam a se configurar de formas diferentes, fazendo surgir novas identidade.

3 O OBJETO DE ESTUDO

3.1 FOLHETOS DE CORDEL: CONTEXTO HISTÓRICO

“Literatura de cordel” ou “folheto de cordel” é um gênero literário que se fundamenta numa estrutura simples originária de Portugal, recebeu esse nome porque os folhetos eram presos por um barbante pequeno (cordel) que eram expostos nas casas ou em feiras livres, onde eram expostos e vendidos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O folheto de cordel, apesar de ser um tipo de poética escrita e impressa, não nasceu da palavra escrita é fruto do contato entre cantadores e poetas nordestinos, figuras nômades espalhadas por várias praças, feiras e fazendas.

Alguns também apontam para sua funcionalidade como jornal iletrado do sertanejo, uma vez que o coloca a par de notícias recentes e de histórias, que narram, por exemplo, fatos sobre os feitos de *Lampião e Maria Bonita*, os estragos provocados pela seca, os crimes de interesse popular e até mesmo as peripécias de um herói ficcional.

Ao transmitir tanto fatos e feitos, os poetas transmitem suas próprias experiências, seus anseios, além de transmitir também as alegrias e as tristezas de um povo e do seu habitat, atuando assim como um instrumento da memória coletiva, através de “motes” que envolvem o heroísmo, as lendas, os mitos, entre outros que perpassam o real e a ficção.

Em seguida, apresentamos a análise do *corpus* que se constitui de folhetos de cordéis que fazem menção à temática do cangaço, especificamente, na forma que são materializados os discursos que atualizam a figura antológica de Maria Bonita, símbolo de valentia, força e coragem da mulher sertaneja.

4 ANÁLISE DO *CORPUS*

4.1 A IMAGEM DE MARIA BONITA NO CORDEL

Historicamente, no nordeste brasileiro, a representação do feminino está ligada à submissão e seriedade, embora também haja uma associação da sertaneja como “mulher macho”, exemplo de resistência. No discurso regionalista nordestino, o descaso do governo federal e o privilégio a outras regiões são as explicações da decadência da região e a pobreza de sua população. Neste cenário, Maria Bonita já serviu de adereço para muitas produções artísticas que tomam como pano de fundo o Nordeste, a exemplo dos folhetos de cordel. A maioria deles é escrito em linguagem simples e bem humorada, características relevantes para esse gênero textual.

Em “Maria Bonita – a eleita do Rei”, o poeta, desvendando a origem da personagem, evidencia questões polêmicas ligadas ao léxico, como por exemplo em “ostentação”, do latim



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“ostentare” que significa “mostrar”, ato ou efeito de exibir com vaidade e pompa, bens, direitos ou outra propriedade, normalmente fazendo referências à necessidade de mostrar luxo, contrastando com as necessidades do povo nordestino, essa prática era muito comum no cangaço, como forma de demonstração de poder:

Era Maria Bonita
baiana muito estimada
nascida em Jeremoabo
vivendo um pouco afastado
no aconchego feliz
da fazendinha Malhada

Tinha vestido de mescla
para incursões arrojadas
e tinha as lindas jóias
do estrangeiro importadas
nos alforjes, nas bornais
avaramente guarda

Seria praticamente impossível dissociar Maria Bonita da figura de Lampião, nem este é o nosso propósito, e sim mostrar através dos discursos proferidos nos cordéis a sua simbologia perante o universo nordestino do cangaço. Segundo Lopes (2000, p.5), “Todas essas transformações afetam, sem dúvida, as formas de se viver e de se construir identidades de gênero”. Disposta a quebrar as regras, as convenções, mesmo casada, não conteve o seu desejo, deixou o amor falar mais alto. Nessa relação de poder, de amor e conquista, o poder transcende o terreno das regras, prescindindo do aspecto jurídico e legal. Logo, o folheto *Maria Bonita - A Eleita do Rei*, de Gonçalo Ferreira da Silva, vem nos revelar a história de uma mulher corajosa, leal, disposta, forte, conhecida por ter se tornado cangaceira e esposa de do Rei do Cangaço, Lampião.

Quando Maria deixou
Seu marido sapateiro
Para seguir Lampião
Como dissemos no início
Deste nosso documento,
O amor não tem fronteira,
Desconhece o casamento,
Ignora a lei dos homens
Pois nasce em dado momento

trocou um vão sentimento
por um amor verdadeiro

Seu marido sapateiro,
Para seguir lampião,
O temido bandoleiro,
trocou um vão sentimento
por um amor verdadeiro

Percebe-se que Maria Bonita é colocada através do discurso proferido pelo cordel como a “eleita do Rei”. Lança ainda um olhar para a forma permissiva da união do casal, momento de sedução, de conquista, em que Maria Bonita se coloca como sedutora,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“dominante”, detentora de um “poder”. Foucault (1993, p. 08), em *Microfísica do Poder*, deixa claro que o que faz com que o poder se mantenha, e que seja aceito, é que ele não pesa como uma força, mas que de fato permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discursos.

Ao receber de Maria
Um olhar quase divino

Uniram-se duas vidas
Em torno de um só destino

Já em outro folheto cujo título é *Lampião e Maria – Celebidades do Cangaço*, de Gonçalo Ferreira da Silva, temos outra versão quanto ao fato do adultério, já que mesmo Maria casada com o “sapateiro” teria seguido em matrimônio com Lampião. Mesmo reconhecendo o erro, ambos se entregaram ao desejo e a paixão. Notemos que o poeta traz a tona a realidade e as fantasias, os desejos e o pecado, o sagrado e o profano, colocando assim seus desejos e sentimentos em primeiro plano (a verdadeira face).

Procurando descrever a funcionalidade da língua no processo comunicativo, especialmente ao dinamismo mental no processo de construção dos sentidos, bebendo diretamente na semântica cognitiva, o discurso proferido nessa estrofe do cordel, nos traz uma contradição, pois mesmo pregando os princípios da unidade familiar, teria Lampião cedido aos encantos de Maria Bonita que se utiliza de seu poder de sexualidade e sedução. A sexualidade, afirma Foucault (1988), é um dispositivo histórico. Em outras palavras, é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades”. Sua definição de dispositivo sugere a direção e a abrangência de nosso olhar:

Lampião tinha também
Modo nobre de pensar
E pregava isso no grupo
Para ninguém se enganar:
- Não existe amor sincero
Quando se destrói um lar



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Maria Bonita, por sua vez, é posta nos cordéis através das argumentações do poeta de forma pura, santa símbolo de amor e de “fidelidade” a Lampião. Tais argumentações linguísticas são produzidas na relação entre locutor e elocutário, em que o locutor apresenta para o alocutário sua posição a respeito daquilo de que se fala. De acordo com Ducrot (1984, p. 180): “sentido diz respeito ao fato de o enunciado ser suscetível desta ou daquela interpretação, considerando a situação de discurso e as instruções especificadas na significação”.

O amor por Lampião e pela própria vida no cangaço se sobrepôs o seu amor materno pela filha Expedita (única das quatro gestações a “vingar”), a ponto de entregá-la a terceiros para ser criada após seu nascimento. O folheto tenta descrever esse fato de maneira a não desencadear qualquer tipo de culpa, não manchando a reputação da personagem Maria Bonita. Temos em *O amor de cangaceiro Lampião e Maria Bonita*, de Vicente Campos Filho, a seguinte cena:

Entre assaltos e fazendas
E a pequenas cidades
Entre lutas com volantes
E outras calamidades
A “Santinha” ficou grávida
Em quatro oportunidades.

Somente da quarta vez
A barriga segurou
Dona Rosinha, a parteira
Lampião ali chamou

Debaixo de um umbuzeiro
O parto realizou

A filha de Lampião
Com Maria Bonita
Os seus pais em concordância
Deram o nome Expedita
Mais não podia criá-la
Naquela vida maldita

Maria Gomes de Oliveira, apesar de toda sua valentia, trazia em meio à seca do sertão e do cangaço traços pertencente ao universo feminino posto no imaginário como lealdade, companheirismo, fidelidade, vaidade e beleza, sendo este um dos supostos fatores que levou Lampião a admirá-la, essa era também a sua referência: “Maria Bonita”. O poeta descreve a beleza rústica e bravura como mote principal:

Maria Bonita era linda
Como igual nunca se viu
E foi com essa beleza
Que Lampião atraiu
Mais bonita do que ela



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Só o amor que os uniu.

Quanto a sua idade ninguém sabe ao certo, sua cidade natal, suas características físicas, também são temas corriqueiros, escritos em folhetos como é demonstrado em Gonçalves Ferreira, no folheto *Maria Bonita e Lampião - Celebidades do Cangaço*. O poeta apresenta uma leitura simples do tema e da figura da personagem, que se colocam como propagador de sentidos e de identidades advindos no imaginário nordestino.

Quanto a idade de Maria
Bonita é outra questão,
Nunca ninguém perguntou
a ela ou a Lampião
porque seria um perigo
a falta de educação.

Tinha ela um metro e
Sessenta e dois de altura,
Robusta, morena-clara,
Muito branca a dentadura,
Cabelos lisos e negros,
Olhar de doce ternura...

Em *Maria Bonita – a eleita do Rei*, o autor continua descrevendo informações sobre a origem e personalidade da personagem, evidenciando questões polêmicas quanto a “ostentação”, termo recorrente, contrastando com as necessidades presentes na vida dos cangaceiros, pessoas que lutavam para sobreviver com as adversidades e dificuldades enfrentadas no seu habitat natural, o que contrasta com o luxo e gosto refinado, evidenciados nos ornamentos utilizados por ela, a eleita do rei:

Era Maria Bonita
baiana muito estimada
nascida em Jeremoabo
vivendo um pouco afastado
no aconchego feliz
da fazendinha Malhada

Tinha vestido de mescla
para incursões arrojadas
e tinha as lindas jóias
do estrangeiro importadas
nos alforjes, nas bornais
avaramente guardadas

O amor de Maria Bonita e Lampião era recheado de sustos e sacrifícios, abraços que os estampidos interrompiam, beijos rápidos trocados ao clarão da luta. No ápice do ato de amor, seus instintos e seus desejos eram vividos ardentemente, desprovidos de nenhuma convenção conforme revela o folheto *Maria Bonita e Eleita do Rei*, através das escolhas lexicais de Gonçalves Ferreira Filho:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

No ato do amor selvagem
praticado no deserto
era muito ruidosa
e o casal descoberto
não tinha vergonha alguma
de quem estivesse perto.

A lealdade de Maria Bonita é qualidade reverenciada nos folhetos, sua maneira de ser e agir, e sua fé inabalada (traço comungado a Lampião) é retratada como qualidades que a coloca como um “exemplo de mulher à ser seguido”, embora o cangaço tenha sido considerado por alguns “vandalismo” e por outros “justiceiros”, uma coisa devemos ressaltar no cangaço, assim como todo grupo social, independentemente dos seus ideais, são normas e regras hierárquica no qual o “grupo” deve seguir, em obediência ao seu líder. O que tematizam Gonçalo Ferreira e Vicente Campos Filho nos folhetos *O amor de Cangaceiro Lampião* (caso 1) e *Maria Bonita* (caso 2):

(Caso 1)
A lealdade em Maria
Era o seu principal traço
E tendo Lampião como
O mais poderoso braço
Odiava qualquer tipo
De traição no cangaço

(Caso 2)
Maria Bonita foi
Sempre seu amor leal,
Não somente na conduta
Mas até no ritual
Que simbolizava a fé
Cristã no nobre casal

Maria Bonita é descrita nos cordéis analisados como uma mulher de garra e decidida que enfrentou sua sociedade, tornando-se mulher guerreira tanto nas suas ações como nos seus desejos, e amor incondicional, virtudes demonstradas tanto nas lutas físicas como em torno da sociedade, ela lutou e morreu ao lado do homem que amou. Maria Bonita é registro de mulher presente no Cangaço, no Nordeste e nos cordéis que tematizam esse movimento de época. Sendo sempre lembrada não como heroína ou bandida, mas como mulher valente que lutou por seus ideais.

CONCLUSÃO



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ao realizar a análise em torno da figura de Maria Bonita nos cordéis selecionados, concluímos que Maria Bonita é figura de mulher que deixou marcas na cultura nordestina e brasileira. Sinônimo de inovação, símbolo de coragem, postos em uma sociedade machista, oposta aos princípios que a sociedade da sua época pregava, a sua história de vida pode ter sido alimento ideológico para outras mulheres que buscavam se libertar dos preceitos impostos pela sociedade e que as tornavam frágeis, submissas, frente a figura masculina.

Em nosso estudo foi possível evidenciar a representação do feminino no contexto nordestino através da figura de Maria Bonita, sempre lembrada como exemplo de mulher que lutou por seus ideais e pela sobrevivência. Mulher que deixou marcas na cultura e história do Nordeste brasileiro. Indo contra os princípios que a sociedade da época ditava como atribuições femininas, Maria Bonita é, dentre as várias cenas atualizadas no cordel, heroína e mulher amada, *performance* feminina que enlaça identidades de sobrevivência aos sentimentos das mulheres de todos os dias. Ele permite uma trama de fios que tecem outras formas de ser mulher.

REFERÊNCIAS

CUCHER, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2003

DURAND, G. **Estruturas Antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FILHO, Vicente Campos. **O amor de cangaceiro de Lampião e Maria Bonita**. Sem local. Sem data.

RODRIGUES, Linduarte Pereira. **O apocalipse na literatura de cordel: uma abordagem semiótica**. João Pessoa: UFPB, 2006. (Dissertação de mestrado)

_____. **Vozes do fim dos tempos: profecias em escrituras midiáticas**. João Pessoa: UFPB, 2011. (Tese de doutorado)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SANTOS, Gilvan Melo. **Dos versos às cenas: O cangaço no folheto de cordel e no cinema.** Campina Grande: Ed. Marcone, 2014.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Lampião e Maria Bonita – Celebridade do Cangaço.** Sem local. 2010.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Maria Bonita e Lampião – A Eleita do Rei.** Sem local. 2000.

SILVA, Rodrigo Nunes. **Representação do Nordeste e Identidade Masculina na Literatura de Cordel.** Campina Grande: UEPB, 2014. (Monografia de conclusão de curso-graduação).

<http://copyfight.me/Acervo/livros/LOURO,%20Guacira%20Lopes.%20O%20Corpo%20Educaado.pdf>